

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

LEI Nº 8.159, DE 8 DE JANEIRO DE 1991

Dispõe sobre a política de arquivos públicos e privados e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Arquivo

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º - É dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação.

Art. 2º - Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Art. 3º - Consideram-se gestão de documentos o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, fruição, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.

Art. 4º - Todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral, contidas em documentos de arquivos, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado, bem como à inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas.

Art. 5º - A administração pública franqueará a consulta aos documentos públicos na forma desta Lei.



ARQUIVO NACIONAL

v.4, n.2, jul.dez. 1989

v.5, n.1, jan.jun. 1990

A utilização acadêmica dos arquivos*

Michael Roper
Diretor do Arquivo Público do Reino Unido

A expansão da história acadêmica

Desde o pioneiro Congresso Internacional de Arquivos realizado em Paris, em 1950, vem ocorrendo no mundo uma expansão — na verdade, pode-se dizer uma explosão — do ensino superior, fenômeno que se percebe claramente no crescimento do estudo acadêmico da história e das disciplinas correlatas. Como resultado, o número de pessoas, quer como professores universitários, quer como pesquisadores a nível de pós-graduação no Reino Unido, mais que dobrou entre 1961 e 1976. Em um contexto mais amplo, a julgar pelos registros do *Historical abstracts*, triplicou a produção de monografias históricas e de artigos em periódicos¹, publicados no mesmo espaço de tempo (tabela 1). Embora existam sinais de que esse crescimento tenha atingido seu ponto máximo na Europa Ocidental e na América do Norte, ou possa estar caminhando em um ritmo menos intenso, provavelmente o ápice não foi alcançado em todos os lugares, e a experiência adquirida pelos arquivistas que lidaram com os efeitos da expansão da história acadêmica será valiosa para aqueles que ainda não a vivenciaram.

À medida que aumentava o número dos estudiosos voltados para a pesquisa histórica acadêmica, diversificavam-se seus interesses. Aos três ramos bem definidos da pesquisa histórica — história política (ou constitucional), do direito e eclesiástica — juntaram-se a história militar (não mais aquela exclusiva de generais e almirantes aposentados), a internacional e a econômica, da qual a social se separou recentemente, constituindo um ramo autônomo. O número dos estudiosos destas três divisões tradicionais, embora não tenha declinado em termos absolutos, certamente baixou e continua a declinar em relação ao total dos que se dedicam à história acadêmica. Juntamente com esta mudança de interesse, ocorreu um

* Texto do relatório preliminar apresentado aos membros do IX Congresso Internacional de Arquivos, Londres, 1980. Tradução de Francisco de Castro Azevedo.

1. Das 81 publicações históricas (excluindo aquelas de sociedades regionais de história) assinadas pela Biblioteca do Public Record Office do Reino Unido, 42 foram criadas depois de 1950. As de circulação mais recente tratam dos últimos períodos da história e, frequentemente, de seus ramos específicos.

Acervo	Rio de Janeiro	v. 4	n. 2	p. 91-115	jul.-dez. 1989
		v. 5	n. 1		jan.-jun. 1990

crescimento desproporcional no estudo da história do século XX², quase elevada ao status de ramo autônomo, com o nome de 'história contemporânea'.

Além disso, tanto as antigas quanto as mais recentes ramificações da história, sobretudo a econômica e social, desenvolveram inúmeras subdisciplinas: história dos negócios, das classes trabalhadoras, da agricultura, dos transportes, cada uma delas com seus próprios interesses e sua metodologia, além de publicações especializadas. Ademais, um grupo crescente e diversificado de profissionais vem se dedicando aos aspectos históricos de suas áreas, para tornarem-se geógrafos historiadores, historiadores da educação, da ciência, tecnologia e medicina, historiadores das idéias, das artes etc. Outros ainda estão usando as fontes históricas para dar novas dimensões ao estudo de suas disciplinas. Assim, os arqueólogos que pesquisam os períodos medieval e pós-medieval, e sobretudo os arqueólogos marinhos e industriais, servem-se de fontes históricas para ajudá-los tanto na identificação de sítios de interesse potencial quanto na interpretação e restauração de suas descobertas³. Ao mesmo tempo, os linguístas trocam as fontes literárias pelas históricas, longamente utilizadas para estudos onomásticos e de topônimos, com o objetivo de melhor entender o desenvolvimento da linguagem e do dialeto⁴. Bastante diferentes são os 'estudos históricos aplicados' dos cientistas sociais e políticos, definidos como "explorações do passado empreendidas com o objetivo explícito de fazer avançar as pesquisas científicas sociais", nas quais os dados históricos são utilizados para testar hipóteses de aplicação geral⁵.

Novas abordagens à história

O envolvimento de não-historiadores no estudo de dados históricos conduziu a um fecundo entrosamento da história com outras disciplinas. Como consequência, os historiadores adotaram e adaptaram técnicas específicas, sobretudo as dos cientistas econômicos e sociais, para desenvolverem novas abordagens aos seus estudos. Essas novas práticas não são exclusivas de qualquer ramo ou período histórico. Tampouco necessariamente novas, pelo menos no que concerne à coleta de grande quantidade

2. Ver os números relativos dos registros anteriores e posteriores a 1914, em *Historical abstracts*, em 1971 e 1976 (tabela 1).

3. Ver, por exemplo, a série de documentos sob o título geral de 'The use of documentary sources by the archaeologist', em *Archives*, 15: 196-211, 1977-1978.

4. Ver, por exemplo, M. Benskin, 'Local archives and Middle English dialects', em *Journal of the Society of Archivists*, 5:500-514, 1974-1977; J. H. Fisher, 'Chancery and the emergence of standard written English', em *Speculum*, 52:87-89, 1977; e 'Chancery standard and modern written English', em *Journal of the Society of Archivists*, 6(3):136-144, apr. 1979.

5. M. Drake, *Applied historical studies: an introductory reader* (Londres, 1973), p. 1; ver também M. Drake, *The quantitative analyses of historical data* (Milton Keynes, 1974), pp. 23-25.

de dados — cada um dos quais pode ser isoladamente insignificante —, de uma extensa variedade de fontes, abrangendo longos períodos de tempo, para construir amplos quadros em todos os níveis da sociedade. Membros da escola *Annales* de história⁶ — designação tirada da revista *Annales, économies, sociétés, civilisations* —, na qual os discípulos franceses de Lucien Febvre e Marc Bloch publicavam suas obras, já utilizavam esta técnica antes de 1939. O epitome da escola — o extenso estudo transaccional do professor Braudel sobre a região mediterrânea no século XVI — no qual ele sintetiza os dados climatológicos, geográficos, econômicos e sociais para criar novas perspectivas e entendimentos, foi publicado, pouco depois, em 1947⁷. No entanto, a generalização dessa abordagem tem originado especialidades como a demografia histórica, onde dados básicos sobre populações humanas — registros de nascimentos e batismos, casamentos, mortes e funerais — são utilizados para produzir informações genéricas sobre tópicos como fertilidade, expectativa de vida, idade de casamento e taxas de filhos ilegítimos⁸, além de estudos sobre a elite. A partir daí, por contraste, buscam-se explicações para as instituições econômicas, sociais e políticas, construindo e analisando biografias detalhadas de seus membros. Esta abordagem é frequentemente chamada de 'namieriana', em homenagem a sir Louis Namier, outro pioneiro do pré-guerra, e foi empregada para o estudo de instituições díspares como a Câmara dos Comuns britânica no século XVIII⁹ e o serviço colonial francês¹⁰.

Talvez não seja injusto afirmar que o ímpeto real para o desenvolvimento da 'nova história' surgiu da adaptação dos métodos estatísticos cada vez mais sofisticados dos economistas e cientistas sociais na tentativa de quantificar (daí a expressão 'história quantitativa') e analisar, normalmente com a ajuda do computador, o grande volume de dados econômicos, sociais e políticos do passado. Outros novos métodos adotados pelos historiadores incluem as técnicas da psicanálise, utilizadas para escrever psico-

6. Ver M. Harsgar, 'Total history: the *Annales* school', em *Journal of Contemporary History*, 13:1-14, 1978, revisando T. Stoianovitch, *French historical method, the Annales Paradigm* (Londres, 1976). Para estudos genéricos das modernas tendências históricas, ver G. Barraclough, *Main trends in history* (Nova York, 1979); P. Burke, 'Introduction: concepts of continuity and change in history', P. Burke (org.), *The new Cambridge modern history, XIII Companion Volume* (Cambridge, 1979), pp. 1-14; L. Stone, 'The revival of narrative', em *Past and present*, 85:3-24, nov. 1979; E. J. Hobsbawm, 'The revival of narrative: some comments', *ibid.*, 86:3-8, feb. 1980.

7. F. Braudel, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (Paris, 1947; trad. inglesa, Londres, 1972-1973).

8. Ver T. H. Hollingsworth, *Historical demography* (Londres, 1969); R. S. Schofield, 'Historical demography: some possibilities and some limitations', em *Transactions of the Royal Historical Society*, 5ª série, 21:119-132; 1971.

9. R. Sedgwick, *The House of Commons: 1715-1754* (Londres, 1970); e sir L. Namier e J. Brooke, *The House of Commons: 1754-1790* (Londres, 1964).

10. W. B. Cohen, *Rulers of Empire: the French Colonial Service in Africa* (Stanford, 1971).

histórias de indivíduos ou grupos¹¹, e as técnicas de entrevista das ciências sociais que, graças ao aperfeiçoamento do gravador portátil, levaram ao desenvolvimento da 'história oral'. Este procedimento não conseguiu aceitação geral¹², e mesmo dentro das novas escolas de história há discordâncias quanto a sua metodologia e interpretação¹³. Não cabe ao arquivista tomar partido nessas controvérsias de historiadores, mas, para atender imparcial e efetivamente às necessidades destes, ele deve estar a par das novas tendências da história.

História acadêmica e arquivos

O aumento do número e dos interesses de estudiosos envolvidos com a história e disciplinas correlatas foi acompanhado pela crescente confiança no acervo arquivístico. Embora a razão principal para se criar e manter arquivos, sejam nacionais, institucionais ou mesmo privados, tenha sido sempre de ordem muito prática — ou seja, preservar documentos com propósitos de continuidade administrativa e legal —, a utilização do acervo na pesquisa histórica freqüentemente antecedeu o estabelecimento destas modernas instituições formais. Assim, os *mauristas* na França, os *bolandistas* na Bélgica, e *sir William Dugdale* e seu círculo na Inglaterra, pesquisaram em documentos originais do século XVII, muito antes desses países possuírem seus próprios arquivos nacionais. Todavia, somente no século XIX, sob a influência de Ranke, os arquivos, em vez dos anais e de outras fontes literárias, e a crítica minuciosa da natureza e a confiabilidade das fontes relevantes, transformaram-se nos pilares da moderna metodologia histórica, levando os historiadores a freqüentá-los com regularidade.

No século XX, especialmente ao longo de suas últimas décadas, intensificou-se o número de usuários acadêmicos (tabelas 2 e 3), e atualmente ultrapassa o daqueles que consultam arquivos com propósitos legais, administrativos, de negócios, e outros puramente práticos, embora, em alguns casos, eles sejam seguidos de perto por genealogistas e historiadores amadores. As mudanças nos usos práticos e populares dos arquivos serão discutidas em outras sessões deste Congresso e estão fora do objeto desta apresentação. Observe-se que os três tipos de uso podem disputar as fontes arquivísticas, cabendo então uma palavra de advertência no sentido de que o entusiasmo pela sistematização do gerenciamento de documentos, de um lado, ou pela popularização dos arquivos, do outro¹⁴, não permita negligenciar os aspectos mais acadêmicos do trabalho arquivístico.

11. Ver B. Mazlish, 'What is psycho-history', em *Transactions of the Royal Historical Society*, 5ª série, 21:79-99, 1971.

12. Ver, por exemplo, J. Barzu, *Clio and the doctors* (Chicago e Londres, 1974).

13. Ver, por exemplo, a crítica em P. A. David e outros, *Reckoning with slavery: a critical study on the quantitative history of American Negro Slaves* (Oxford, 1976); da economia de R. Fogel e S. Engerman, *Time on the cross* (Nova York, 1974).

14. A este respeito, O. Krakovitch, 'Des archives pour quelle histoire?', em *La Gazette des Archives*, 96:23-31, 1º trim. 1977, parece superar o caso da popularização.

A utilização acadêmica dos arquivos não somente aumentou nos últimos anos, como também se estendeu a uma faixa mais ampla de dados arquivísticos. Embora os historiadores políticos, jurídicos e eclesiásticos tenham continuado a utilizar os arquivos, e seu número tenha aumentado, atualmente eles constituem uma parcela em declínio em relação aos usuários acadêmicos, tendo sido ultrapassados sobretudo pelos historiadores econômicos e sociais (tabela 4)¹⁵. Ao mesmo tempo, proporcionalmente, mais usuários acadêmicos de todos os tipos têm expandido seus interesses dos arquivos da Idade Média e do início da Idade Moderna para os do século XIX e, cada vez mais, para aqueles do século XX (tabela 5). O aumento e a diversificação da utilização acadêmica dos arquivos geram implicações para o arquivista em função da natureza e do objetivo de seus serviços. Algumas são quantitativas e físicas, como o atendimento da demanda aumentada nas salas de consultas e nos sistemas de produção de documentos; outras, qualitativas e intelectuais, como o planejamento de programas de publicações relevantes e o estabelecimento de critérios de avaliação que reflitam a amplitude dos interesses dos usuários. Existem ainda implicações quanto à formação dos arquivistas e à localização geral do acervo arquivístico.

Implicações físicas do crescente uso acadêmico dos arquivos

Qualquer aumento na demanda dos arquivos impõe maior pressão sobre as salas de consultas e sobre os sistemas de produção de documentos. Embora a crescente utilização acadêmica não seja o único fator determinante para o aumento da pressão, a experiência do Public Record Office do Reino Unido mostra que ela desempenha um papel significativamente desproporcional, uma vez que este tipo de usuário tende a visitar com mais frequência os arquivos e a consultar maior volume de documentos do que os não-acadêmicos. No Public Record Office as visitas abrangendo todas as categorias de usuários aumentaram em mais de duas vezes e meia entre 1962 e 1972 (tabela 2), levando à superlotação e até a filas de espera. Este problema foi atenuado primeiramente com a transformação de depósitos em salas de consultas adicionais; depois pela ocupação de um prédio vizinho, e, finalmente, pela construção de um novo edifício¹⁶. No mesmo período, a quantidade de documentos disponíveis para consulta quase triplicou. Este crescimento desproporcional deveu-se à quantidade de pessoas interessadas na história dos séculos XIX e XX, especialmente a social e econômica. Estes séculos testemunharam o desenvolvimento e a diversificação administrativa que coincidiram com uma mudança nas formas de guardar os documentos, graças à introdução da pasta por as-

15. Um aumento no uso de arquivos para o estudo da história social e econômica é relatado também pela Bélgica, Índia, Malásia, Holanda, Suécia, EUA e URSS.

16. Ver E. M. Hallam e M. Hoper, 'The capital and the records of the nation; seven centuries of housing the public records in London', em *The London Journal*, 4:73-94, 87-90, 1978.

sunto ou dossiê, que multiplicou o número de fontes potenciais e, ao mesmo tempo, restringiu o tamanho de cada fonte individual, imprimindo maior velocidade ao trabalho. Assim, o historiador contemporâneo pode consultar, em um dia de trabalho, uma dúzia ou mais de pastas de diferentes órgãos governamentais, enquanto um colega que trabalhe com documentos medievais ou do início da Idade Moderna pode levar diversos dias, ou até semanas, na consulta de um único rolo, registro ou copiador de cartas.

O interesse dos historiadores social e econômico em massas de dados aumenta ainda mais a relação entre a produção e os usuários, em especial quando desejam apenas determinados itens de informação, possivelmente para análises quantitativas. Como exemplo: entre janeiro e setembro de 1978, um assistente de pesquisa consultou 6.418 pastas do século XIX no Public Record Office, Kew. Projetos como este exigem arranjos especiais e podem, a curto prazo, distorcer as pesquisas de uso, mas o aumento generalizado de documentos produzidos para as salas de consultas acarreta implicações óbvias. Quando este número cresce significativamente no período de alguns anos, ou o pessoal necessário para lidar com a produção tem de ser aumentado proporcionalmente, ou o sistema de produção tem de se tornar mais eficiente. A localização dos documentos de maior demanda mais próxima possível das salas de consultas exigiria a implantação de um sofisticado sistema de monitoração, e o movimento freqüente, de acordo com sua popularidade flutuante, tornar-se-ia mais eficiente. Seu efeito, no entanto, será limitado, e o aumento contínuo da procura acabará exigindo a introdução de dispositivos mecânicos de manuseio, além de moderna tecnologia (esteiras transportadoras automáticas, tubos pneumáticos, sistemas de requisição computadorizados etc.), que, por outro lado, envolverão mudanças estruturais ou a construção de novos depósitos.

O constante manuseio de séries populares de documentos, especialmente quando guardados em modernas pastas de papel de qualidade inferior, torna-os mais propensos à deterioração ou a danos, exigindo freqüentes tratamentos de conservação. Seria aconselhável a identificação dessas séries por ocasião de sua transferência para o arquivo, e dar início a seu tratamento antes de colocá-las à disposição do público. No entanto, a quantidade de documentos envolvidos e sua natureza podem tornar os métodos artesanais de restauração dispendiosos e demorados, impondo a opção por métodos mais baratos e velozes. A laminação muitas vezes é recomendável para este tipo de trabalho, embora uma alternativa mais eficiente, menos onerosa e mais rápida seja a conservação reprográfica, que substitui as cópias fotográficas para uso nas salas de consultas, em vez dos originais.

O National Archives dos EUA e o Public Record Office do Reino Unido adotaram o microfilme para os documentos dos censos populacionais do século XIX, e outros arquivos o empregam para documentos particularmente valiosos, frágeis e de uso intenso. Uma alternativa reprográfica média é a utilização de cópias em papel fotográfico, tiradas dos microfilmes, e encadernadas em forma de códices, adotada pelo Public Re-

cord Office para as atas do Gabinete no século XX. Ao se escolher entre esses dois procedimentos, deve-se levar em conta numerosos fatores: custo em tempo e materiais de impressão do microfilme e da encadernação das cópias, em contraposição aos custos da duplicação do microfilme e ao repassado aos usuários do microfilme; a relativa durabilidade das cópias em papel fotográfico e do microfilme; e a necessidade de instalações adequadas para uso exclusivo dos leitores de microfilme, que sacrificam de certa forma a flexibilidade das salas de consultas. Uma das vantagens do uso de qualquer dos meios reprográficos sobre a produção de originais laminados é a rapidez e o incremento na produção de cópias posteriores para substituir as danificadas, e até mesmo impedir que o roubo se constitua em um desastre maior. Além disso, esses documentos são colocados à disposição do público em uma 'estante aberta' ou num sistema de *self-service*, com o objetivo de atender às necessidades do usuário sem pressionar o setor de produção, dispensando maiores rigores quanto às precauções exigidas para o manuseio de documentos originais.

O desenvolvimento de modernas técnicas reprográficas tem implicações mais amplas para os usuários acadêmicos de arquivos. A necessidade de pesquisar longe dos arquivos tem sido tradicionalmente suprida através de publicações de traslados ou de sumários das séries de documentos mais importantes que, ainda hoje, servem aos seus propósitos. Todavia, à medida que nas pesquisas históricas a tendência de afastamento das séries principais de documentos da administração central se volta para os mais diversos documentos subordinados — que contêm o tipo de material pesquisado sobretudo pelos historiadores econômicos e sociais — e à medida que as séries dos documentos principais vão se tornando volumosas demais, diminui a utilidade das publicações tradicionais para as pessoas envolvidas na pesquisa histórica acadêmica. Seu lugar está sendo, cada vez mais, assumido pelos processos reprográficos, que vão desde as cópias eletrostáticas de documentos individuais até a microfilmagem (em forma de rolo ou fichas) de séries inteiras ou outras seqüências longas de documentos. Cópias em microfilme podem ser fornecidas como parte de programas formais de publicação, podendo ser produzidas pelo próprio arquivo, como no National Archives dos EUA¹⁷, ou por editores comerciais autorizados, como no Public Record Office do Reino Unido¹⁸. Nos países cujas distâncias entre os centros populacionais são consideráveis, como no Canadá, nos EUA e na URSS, as cópias em microfilme das principais séries de documentos dos arquivos nacionais podem ser enviadas a outros depósitos regionais ou aos arquivos municipais ou mesmo serem colocadas à disposição de um público mais amplo por um sistema de empréstimo entre bibliotecas (ou entre arquivos). Mas a principal vantagem da fotocópia —

17. Ver F. B. Evans, *The selection and preparation of records for publication on microfilm*, National Archives Staff Information Papers, n.º 19 (Washington, DC, revisado em 1970); *Catalogue of National Archives Microfilm Publications* (Washington, DC, 1974).

18. *20th Report of the keeper of public records* (Londres, 1979), parágrafo 32.

seja em microfilme ou cópia eletrostática — é que ela pode ser destinada a um cliente específico, isto é, uma determinada universidade, instituição de pesquisa ou um estudioso pode escolher as séries importantes ou até mesmo os documentos individuais, e limitar suas aquisições às cópias. Talvez o cliente pague mais por essa maior flexibilidade da escolha, mas certamente a preferirá aos programas formais de micropublicações, nem sempre relevantes para suas necessidades. Além disso, se não existe dúvida de que a filmagem de uma série de documentos para um outro arquivo, universidade, ou qualquer pesquisador contribui para reduzir o excesso de pessoas nas salas de consultas e sobre os sistemas de produção de documentos, pode-se atingir um estágio de copiagem de documentos individuais (trabalho de 'extrair'), no qual os custos para identificar, produzir e copiar sejam superiores àqueles que facilitem a consulta dos próprios documentos, o que talvez deva ser considerado na política de preços dos serviços do arquivo. Mais ainda: o manuseio dos documentos nos processos de copiagem, especialmente o de volumes de encadernação apertada ou de papéis frágeis, pode trazer problemas de conservação, daí muitos arquivos passarem a impor restrições aos processos de que já dispunham para copiar determinados tipos de material.

O desenvolvimento de sistemas eletrostáticos ou instantâneos de copiar também revolucionou o método de trabalho do usuário acadêmico dentro dos arquivos. Ele não precisa mais transcrever penosamente ou resumir os documentos de interesse para sua pesquisa — basta apenas identificá-los e adquirir uma cópia. Dessa forma, ele pode aproveitar mais eficientemente seu tempo: diminuindo sua permanência nos arquivos, reduz a excessiva lotação nas salas de consultas; examinando mais documentos, pressiona o sistema produtivo.

Implicações intelectuais do crescente uso acadêmico dos arquivos

Como para a maioria dos usuários acadêmicos de documentos recentes o microfilme e a cópia 'instantânea' substituíram amplamente as tradicionais transcrições ou resumos, o papel das publicações arquivísticas talvez tenha de mudar, tornando-se mais um elemento de seus serviços de referência, com a finalidade de prestar ao usuário em potencial informações que facilitem e agilizem sua pesquisa, ou que lhe possibilitem a encomenda de microfilmes ou de outras cópias, dispensando a visita ao local. O aumento e os usos mais diversificados dos arquivos impõem cargas adicionais aos seus serviços de referência. O simples acréscimo do número de usuários pode significar que o arquivista dedicará menos tempo a cada um em particular, ao passo que a intensificação do volume e a complexidade dos documentos torna a tarefa dos leigos cada vez mais difícil. Não é aconselhável que o usuário, sobretudo o recém-chegado, fique à vontade para fazer o que quiser, sendo em geral mais econômico o emprego da escassa mão-de-obra especializada para transmitir seus conhecimentos sob a forma escrita, acessível à consulta. As principais indicações são os instru-

mentos de pesquisa, que podem ser de quatro tipos gerais: os que o orientam para o arquivo certo; os que o auxiliam a entender o arranjo dos documentos e o direcionam para grupos, classes, séries, coleções relevantes etc.; os que lhe fornecem referências específicas para determinados itens; e os que lhe possibilitam o entendimento dos documentos encontrados.

A organização dos arquivos em diferentes tipos e níveis ou como instituição varia de um país para outro. Nos países com um serviço de arquivo centralizado o problema é relativamente pequeno, em outros, porém, pode ser difícil para o pesquisador identificar os acervos nos arquivos nacionais e locais, nas seções de manuscritos das bibliotecas nacionais ou universitárias, em outros tipos de arquivos, ou até mesmo em mãos de particulares. Assim, o primeiro instrumento de pesquisa requerido é um registro centralizado de informações sobre as coleções arquivísticas, o qual pode tomar a forma de uma coleção de catálogos publicados, como no Canadá, nos EUA e na URSS,¹⁹ ou de uma coleção indexada, mantida sob uma direção central de guias e listas individuais, como nos National Registers of Archives em Londres e Edinburgo, que além de assumirem as listas e outros instrumentos de pesquisa dos arquivos, também patrocinam e empreendem a produção de tais trabalhos. Em outros países, a elaboração destes registros dos acervos arquivísticos é tratada com seriedade muitas vezes dentro do contexto mais amplo de uma rede de informações que cobre também as bibliotecas e os centros de documentação. A essas redes pode-se dar o nome de NATIS (Sistema Nacional de Informação) ou outra sigla qualquer.

Os registros nacionais de arquivos podem ser suplementados por guias multinacionais ou multiinstitucionais às fontes históricas sobre regiões particulares, como o *Guide to the Sources of the History of Nations*, patrocinado pelo Conselho Internacional de Arquivos, ou sobre determinados temas, como, por exemplo, os documentos relativos a embarque e seguros²⁰. Esses guias orientados freqüentemente proporcionam um serviço inicial valioso, conduzindo o estudioso às fontes relevantes, mas nem sempre são suficientemente detalhados para levá-lo direto aos documentos individuais pelos quais está interessado, sendo necessária a utilização de instrumentos de pesquisa mais completos.

A maioria dos novos usuários, sobretudo dos não-historiadores, avalia o arranjo dos arquivos mais pelos órgãos governamentais que os criaram do que pelos temas difíceis de apreender, e isto vem-se generalizando à medida que a administração fica mais complexa e se estende a novas áreas de atividade. Órgãos vêm sendo criados, divididos, fundidos ou extintos em intervalos constantes, provocando a transferência de seus docu-

19. Por exemplo: *Union list of manuscripts in Canadian repositories* (Ottawa, 1975); Biblioteca do Congresso, *The National Union Catalog of Manuscript Collections, 1959-1961* (Ann Arbor, Michigan, 1962); *Lichniye Arhivniye Fondi v Gosudarstvennich Chranilischach SSSR* (Moscou, 1965).

20. P. Mathias e A. W. M. Pearsall, *Shipping: a survey of historical records* (Newton Abbot, 1971); H. A. L. Cockerell e E. Green, *The British insurance business 1574-1970: an introduction and guide to historical records in the United Kingdom* (Londres, 1976).

mentos, de tal forma que, exemplificando, 27% das séries de documentos dos arquivos australianos foram criados por mais de um órgão²¹.

Como os historiadores acadêmicos administrativos estão caminhando lentamente para o estudo mais aprofundado da administração do século XX²², cabe ao arquivista a tarefa de ser historiador administrativo e de explicar o respectivo contexto em que foram gerados os documentos e, como consequência, o arranjo obtido. Este é o primeiro objetivo do guia geral dos arquivos, mas o acréscimo do volume devido a novos recolhimentos dificulta sua atualização. No esforço de superar tal dificuldade, alguns arquivos informatizaram o processamento de seus guias, tanto para a publicação, como no National Archives dos EUA²³, quanto para uso nas salas de consultas, como o sistema PROSPEC do Public Record Office do Reino Unido²⁴.

Uma extensão do guia geral é o 'manual' ou guia especial, que pode ser próprio para os documentos de um órgão governamental ou para outros correlatos, inserindo mais detalhes sobre sua história administrativa: assuntos que lhe estavam afetos, métodos de trabalho, sistema de conservar e ordenar os documentos nos arquivos. Alternativamente, pode ser um guia de documentos sobre um tema particular, extraídos de todo o acervo do arquivo. Exemplos dos dois tipos têm sido publicados na série *Handbook* do Public Record Office do Reino Unido²⁵, e apenas do segundo, na França e nos EUA²⁶.

Após identificar, por meio do guia geral e dos especiais, os grupos, classes, séries, coleções etc., possivelmente relevantes para sua pesquisa, o estudioso precisa reconhecer, em seguida, os itens de seu interesse. E a maneira mais efetiva de atingir este objetivo é ter acesso a instrumentos

21. Ver P. J. Scott, 'Facing the reality of administrative change — some further remarks on the record group concept', em *Journal of the Society of Archivists*, 5:94-100, 1974-1977.
22. Ver M. Roper, 'Public records and the policy process in the twentieth century', em *Public administration*, 55:253-268, 1977.
23. M. H. Fishbein, 'ADP for archives management', em L. Bell e M. Roper (orgs.), *Proceedings of an international seminar in automatic data processing in archives* (Londres, 1975), pp. 30-38 (36); *Guide to the National Archives of the United States* (Washington, DC, 1974).
24. P. Simmons, L. Bell e M. Roper, 'PROSPEC: a computer application for the PRO', em *Journal of the Society of Archivists*, 4:423-427, 1970-1972; M. Roper, 'The use of computers for archives management in the Public Record Office', em Bell e Roper, op. cit., pp. 8-29 (14-23). Para os princípios gerais sobre o tratamento dos dados por computador neste nível, ver A. Arad e L. Bell, 'Archival description — a general system', em *ADPA*, 2(3):2-9, 1978.
25. Por exemplo, *The records of the Foreign Office, 1782-1939* (Londres, 1969); *The Cabinet Office to 1945* (Londres, 1975); *Records of interest to social scientists, 1919-1939: employment and unemployment* (Londres, 1978).
26. Por exemplo, *Guide des sources de l'histoire des États-Unis dans les archives françaises* (Paris, 1976); *Federal Records of World War II* (Washington, DC, 1950-1951).

de pesquisa mais específicos, tais como inventários, listas e índices; e quanto mais detalhados forem, menos aleatória e especulativa será a busca, além de economizar seu tempo e diminuir a pressão nas salas de consultas e no sistema de produção de documentos. São aconselháveis listas que contenham o título e a data de cada item, que pode ser produzido separadamente: pasta, folheto, mapa, fotografia etc. Listas mais detalhadas, descrevendo o conteúdo e os índices trariam vantagens adicionais; mas em arquivos recém-formados, comum acervo inicial de documentos não-listados e, talvez, em grande parte não-ordenados, semelhante conselho pode soar como um luxo. E até mesmo arquivos em pleno funcionamento podem julgar ineficazes os procedimentos e recursos adequados para a transferência, ordenação e descrição dos documentos em épocas de maior tranqüilidade, em face da imensa quantidade de recolhimento de documentos modernos. Em tais situações, seria aconselhável um instrumento de pesquisa para cada classe, série ou coleção, não importando quão sucinto, inadequado ou temporário fosse, em vez de listas detalhadas apenas das classes, séries ou coleções 'mais importantes', ou índices de união, que se desatualizam a cada ano. A um prazo mais longo, o arquivista pode esperar o auxílio do computador na preparação de mais e melhores instrumentos de pesquisa. Mas a experiência geral daqueles que já se serviram dele com esta finalidade demonstra que a preparação dos dados para a entrada na máquina constitui um processo demorado, e os benefícios só aparecem quando se consegue a saída de diversas formas de dados, ou, quando os velhos e novos podem ser fundidos.

Nos casos em que as publicações dos instrumentos de pesquisa tenham se tornado tradicionais, pode ser aconselhável sua continuidade, uma vez que elas desviam recursos que poderiam ser empregados na produção de guias para os documentos ainda não descritos. Embora esta atitude pareça beneficiar os frequentadores de arquivos, negligenciando os usuários distantes, não é bem assim, pois os modernos processos reprográficos permitem que estes possam, sem maiores dificuldades, receber subsídios específicos a seus interesses. Na verdade, numerosos arquivos que publicam instrumentos de pesquisa utilizam estes processos devido ao encarecimento da impressão tradicional.

Depois de localizados os documentos necessários à sua pesquisa, o estudioso pode precisar de assistência para avaliar o contexto administrativo das informações: Por quem e com que propósito foram os documentos produzidos? Qual foi sua circulação dentro e fora do órgão originário? O que é comum e o que é excepcional? Os historiadores voltados para o período medieval e início da Idade Moderna, acostumados a fazer estas perguntas, certamente receberam alguma instrução formal sobre diplomática, que tem sido menor no caso de documentos mais recentes: os sistemas de manutenção do papel — registro, distribuição, minutagem e autorização, circulação; a constituição dos conjuntos de documentos — livros de protocolo, registros, pastas, folhetos etc.; as formas e convenções dos papéis individuais — cartas, minutas, memorandos, formulários. Frequentemente, quem precisa estudar a diplomática dos documentos modernos com certa profundidade são os arquivistas responsáveis pela escolha para

preservação, ordenação e descrição dos instrumentos de pesquisas. Assim, seu conhecimento deve ser amplamente difundido através de guias, manuais, notas introdutórias aos instrumentos de pesquisas, e do contato pessoal dentro dos arquivos. O arquivista deve, ainda, aproveitar qualquer oportunidade que se lhe apresente para disseminar informações sobre os documentos sob sua guarda. Isto talvez signifique escrever artigos para revistas acadêmicas, ou participar de seminários e conferências sobre história e outras disciplinas, especialmente aquelas cujo conteúdo e montagem das fontes arquivísticas sejam relevantes. A esse respeito, outros arquivos poderiam seguir o exemplo do National Archives e do Records Service dos EUA, através da organização de conferências que reunissem arquivistas, historiadores e outros interessados, ou usuários em potencial das fontes arquivísticas, a fim de compartilharem seus conhecimentos e discutirem matérias de interesse mútuo. Em seguida, as atas de tais conferências seriam publicadas, abrangendo um público ainda maior. Em um nível menos elevado, o arquivista poderá envolver-se com o treinamento de pós-graduação dos novos usuários acadêmicos dos arquivos, o que já é feito em algumas escolas de pós-graduação em história, mas talvez valesse a pena examinar a possibilidade de os próprios arquivos ministrarem cursos introdutórios formais para estes pesquisadores.

Mudança do uso acadêmico e avaliação dos documentos

A mudança e a ampliação dos interesses dos usuários acadêmicos dos arquivos impõem aos arquivistas uma larga visão ao estabelecer critérios para a avaliação dos documentos. Já não são válidas, para a seleção de documentos a serem preservados, diretrizes tais como esta: "assunto de provável valor de procedência ou de importância histórica ou legal". Este critério foi utilizado pelo Public Record Office antes da guerra de 1939-1945, continuando vago mesmo depois do acréscimo: "ou útil para a pesquisa social e econômica", feito nas décadas de 1940 e 1950. Atualmente, a avaliação deve ser muito mais ampla e explícita: o Public Record Office define 13 categorias gerais de documentos que devem ser preservados²⁷, suplementados por detalhes relevantes para os documentos de cada departamento governamental ou outro órgão transferidor. Na verdade, a faixa de interesses a ser agora considerada na avaliação dos documentos é tão ampla que, em certos casos, se torna necessário o conselho de especialistas, variando conforme o arquivo: de um lado, a participação de um conselho de historiadores e outros especialistas seria uma provisão estatutária; do outro, pode-se preferir uma abordagem mais informal, ou seja, consultando especialistas qualificados, de acordo com a necessidade; entre os dois, existe espaço para inúmeras variações individuais.

Nos últimos anos, tem sido modificada a ênfase dada à abordagem da avaliação: os 'dossiês' ou papéis de 'instância particular', definidos co-

27. Public Record Office, *A guide for Departmental Record Officers* (3 ed., 1971), apêndice A.

mo "grupos muito grandes de papéis cujo assunto é o mesmo, embora cada um deles se relacione com a pessoa, órgão ou lugar diferentes"²⁸. Na década de 1950, a solução encontrada foi preservar "somente aqueles papéis... que podiam ser reduzidos a uma amostra estatística", e não preservar "somente porque contém informações que podem ser úteis para propósitos genealógicos ou biográficos"²⁹. A partir daí, o desenvolvimento de técnicas quantitativas transformou esses documentos em fontes primárias para a história econômica e social. Ao mesmo tempo, a moderna tecnologia trouxe novas dimensões para o problema. Em primeiro lugar, os computadores imprimem rapidez e economia na manipulação e análise de dados extraídos de uma série de pastas, por mais volumosas que sejam, embora a identificação, interpretação e preparação para a entrada dos dados ainda seja um processo demorado e caro, que pode ser feito por assistentes de pesquisas com a transferência de dados dos documentos para formas de entrada codificadas, ou pela entrada direta a partir dos documentos originais, ou de fotocópias editadas. Em segundo lugar, o tipo de dados que ficavam documentados nos dossiês convencionais, agora são manipulados por computadores nos órgãos coletores. Assim, desde o início estão disponíveis através de uma máquina leitora, podendo ser transferidos para o arquivo e reutilizados pelos pesquisadores, sem onerar a preparação dos dados. Atualmente, a maior parte dos documentos produzidos para máquina leitora refere-se a dados quantitativos; porém, quando (ou talvez se) nos aproximarmos da era do "escritório sem papel", do processamento eletrônico da palavra, da adaptação da mensagem eletrônica e dos bancos de dados *on line*, o arquivista assistirá a superação dos tipos de documentos convencionais pelas versões para máquinas leitoras. Estas, muito mais compactas do que suas equivalentes, mesmo as de microfilme, não apresentam os problemas das pastas convencionais, mas acarretam outros que não dispensam considerações sobre custos³⁰. Em terceiro lugar, o computador oferece a opção de transferir os dados das volumosas pastas convencionais para armazenagem mais compacta em máquinas leitoras, com a conseqüente destruição dos originais.

No presente, os elevados custos da preparação dos dados, sua baixa taxa de transferência e, em muitos casos, a necessidade de serem identificados, selecionados, interpretados e codificados antes de deslocá-los, tornam o processo uma opção extremamente cara e demorada, apenas justificável quando se consegue sua análise imediata. A longo prazo, o uso de

28. *Report of the Committee on Departmental Records* (Londres, 1954), parágrafo 62.

29. *Ibid.*, parágrafo 108.

30. Ver L. Bell, 'The archival implications of machine-readable records', em *Archivum*, 26:85-92, 1979; C. M. Dollar, 'Computers, the National Archives and researchers' em *Prologue*, 8:29-54, 1976; C. M. Dollar, 'Appraising machine-readable records', em *American archivist*, 41:425-430, 1978; M. Roper, 'The changing face of the file; machine-readable records and archivists', em *Archives*, 14:145-150, 1979-1980; C. L. Geda, E. W. Austin e F. X. Blouin Jr. (orgs.), *Archivists and machine-readable records* (Chicago, 1980).

dispositivos de reconhecimento ótico de carácter (OCR) para a conversão direta do texto para a máquina leitora poderá tornar mais econômica a transferência de dados. No momento, porém, esses dispositivos — além de serem caros, limitam a faixa de leitura dos tipos impressos e de letras de formas estilizadas (na verdade, pairam dúvidas quanto aos demais tipos de manuscritos), e elevam os índices de erro. Na medida em que os documentos forem criados nas formas aceitas pelas máquinas leitoras, o arquivista tem a obrigação moral de preservar os de valor permanente para a pesquisa histórica ou de qualquer ordem. Na verdade, ele deveria proceder assim sempre que os documentos estiverem incluídos na definição de públicos; ou especificamente, como no *Public Records Order, 1966* (s. 2 (b)) canadense; ou dentro de uma definição mais ampla, como no *Public Records Act, 1958* (s. 10 (1)) do Reino Unido; ou no *Public Archives Act, 1965* (s. 2) queniano.

Todas as demais legislações sobre arquivos, na tentativa de serem bem específicas, excluem inadvertidamente os documentos para máquinas leitoras³¹; e para esta avaliação será relevante que o arquivista tenha conhecimento de todos os tipos de análises computadorizadas realizadas pelos especialistas sobre as séries de pastas convencionais. Todavia, enquanto os avanços tecnológicos forem mantidos como uma esperança para o futuro, no presente o arquivista não deve esperar que a informática traga uma solução fácil para os problemas de volume dessas pastas, devendo, portanto, escolher outras direções.

Outra alternativa para a reunião de dados gerada pela moderna tecnologia é a microfotografia, na qual a economia na redução do volume é contrabalançada pelos custos em outras áreas. E a experiência, bastante difundida, comprova que a microfilmagem aplicada em arquivos — cujos originais são papéis de formas, tamanhos e cores variadas; escritos, datilografados ou impressos em tintas de diversas cores e densidades — acrescida dos custos com equipamentos e pessoal para a filmagem, processamento e recuperação, sai mais cara do que a preservação dos originais, pelo menos quanto à armazenagem comum de grandes quantidades³².

Uma das maneiras de reduzir volume utilizada pelos arquivistas é a preservação de apenas uma amostra. No passado este critério suscitava dúvidas, pois as chamadas 'amostras' muitas vezes referem-se a seleções de pastas notáveis, de espécimes que exemplificam formas de documentos representativas de procedimentos e de tipos preservados por áreas geográficas, instituições, datas, dentre outros, 'típicos'. As amostras, ou mais corretamente, as 'amostras estatísticas', devem representar com exatidão o corpo inteiro da série (ou 'população') da qual são extraídas, permitindo que as estatísticas descritivas sejam generalizadas para a série como um todo. Elas podem ser de dois tipos: 'serial' ou 'sistemática', em que cada

31. Sob este aspecto, o artigo 2.º de S. Carbone e R. Guéze, *Draft model law on archives: description and text*, *Documentation libraries and archives: studies and research 1* (Paris, Unesco, 1972), é inadequado.

32. Ver P. M. Barnes, *Microfilming and the archivist*, *RAD Occasional papers 1* (PRO, Londres, 1973), parágrafo 14.

ordem da unidade é tomada para gerar outra do tamanho requerido; ou 'aleatória', na qual todas as unidades da série têm a mesma probabilidade matemática de serem incluídas na amostra, sendo retiradas de uma tabela de números aleatórios até atingir o tamanho desejado. Nas amostragens praticadas por arquivistas, freqüentemente optou-se pelo primeiro tipo, mas este método é arriscado e deve ser utilizado com cautela. Nos dois tipos, o tamanho da amostra é mais importante do que sua relação proporcional à série inteira, sendo afetado por alguns fatores, como o número de itens separados de informação ('variáveis') registrados para cada caso. Portanto, quando houver a possibilidade de o arquivista fazer a amostragem de uma série de dossiês, deverá levar em conta o método mais apropriado e o tamanho ideal da amostra nas circunstâncias especiais daquela série. Talvez ele deva consultar um especialista em métodos quantitativos, além de utilizar um computador para testar a precisão dos diferentes tamanhos e extrações das amostras, antes de chegar à decisão final³³.

Outro método indicado para as pastas volumosas de valor potencial para análises quantitativas seria a armazenagem comum por um período limitado, quando então sua disponibilidade seria divulgada, facilitando a consulta e evitando a produção de documentos individuais para referência nas salas de consultas ou para resposta a pesquisas específicas. Ao término de um período estabelecido, o valor dos papéis seria determinado de acordo com a maior ou menor procura e, então, decidida sua conservação integral, a preservação de uma amostra, ou sua total destruição. Somente em casos excepcionais, considerar-se-ia a necessidade de mais um período de armazenagem interina.

Outra área beneficiada pela inovação tecnológica, gerando novos tipos de documentos, porém criando problemas de avaliação, bem como a especialização de armazenagem e de novos instrumentos de pesquisa, é a das gravações audiovisuais — fotografias, filmes cinematográficos e gravações de som. Aqui o arquivista provavelmente terá menos dificuldade em obter informações sobre o valor de gravações individuais para ilustrar o desenvolvimento técnico e artístico de cada um desses meios — na verdade, seu problema será conseguir a conciliação de pontos de vista conflitantes. É provável que ele considere difícil estabelecer o valor histórico das gravações, pois deverá ser menor o acesso ao conselho externo. Talvez descubra também a necessidade de pesquisas extensas para confirmar a autenticidade histórica do material componente das gravações³⁴.

33. Sobre amostragem, ver R. S. Schofield, 'Sampling in historical research', em E. A. Wrigley (org.), *Nineteenth-century society: essays in the use of quantitative methods in the study of social data* (Cambridge, 1972); Public Record Office, *The sampling of records for statistical use*, RAD Occasional papers 5 (Londres, 1975); E. McKay, 'Random sampling techniques: a method of reducing large homogeneous series in Congressional papers', em *American archivist*, 41:281-289, 1978.

34. Sobre problemas dos filmes cinematográficos, ver C. Coultass, 'Film as an historical source: its use and abuse', em *Archives*, 13:12-19, 1977-1978; sobre fotografias, ver a série de artigos sob o título 'Photography and archives', em *Archivaria*, 5:3-142, winter 1977-1978.

Um problema especial desta área é o envolvimento do arquivista com a história oral — o que pode convertê-lo de avaliador imparcial e passivo de gravações em criador ativo de outras. O valor dos programas de história oral não pode ser negado, assim como a conveniência de os produtos de tais programas, quer se trate das fitas originais de gravação quer de traslados, deverem ser preservados pelo arquivista. Ainda mais questionável é se ele deve estar envolvido na criação de tais gravações que, certamente, deveriam ser reservadas aos profissionais de cada disciplina acadêmica: história, antropologia, etnografia, arqueologia, sociologia, lingüística etc., os quais, além de conhecerem as perguntas podem interpretar melhor as respostas recebidas.

A estrutura ideal para um programa de história oral talvez deva ser formada por uma equipe multidisciplinar, da qual participasse um arquivista como depositário último das gravações. Na verdade, na medida em que a mesma rede de pesquisadores de campo e de contatos locais pode servir tanto como base de um programa de história oral, como para supervisionar localmente a preservação dos documentos históricos escritos, não é de todo inoportuno que ele deva iniciar e coordenar tal empreendimento. Além disso, onde a mão-de-obra qualificada for escassa, poderá até ser justificada sua participação no trabalho de campo, embora, neste caso, ele deva ser treinado nas técnicas de entrevista e estar informado sobre as necessidades dos usuários dos arquivos de história oral.

Novos usos acadêmicos dos arquivos e formação arquivística

São divergentes os pontos de vista sobre o currículo ideal para a formação de arquivistas: para uns, devem ser considerados os aspectos metodológicos de seu trabalho em administração dos documentos, procedimentos de depósitos, classificação, produção dos meios de referência, conservação e reprografia, acompanhado, quando não existe um curso de arquivologia autônomo, pelo de biblioteconomia. Para outros, a formação do arquivista teria como suporte os aspectos acadêmicos, como história (sobretudo administrativa e jurídica), paleografia e diplomática, e seria associada ao curso de história. Talvez o currículo ideal esteja entre os dois extremos, variando de acordo com as necessidades específicas de cada país ou instituição. Certamente o impacto provocado pela mudança da utilização acadêmica refletirá na formação e no desenvolvimento profissional do arquivista que, ao lidar com documentos recentes será capaz de fazer um reconhecimento correto, não apenas de seus aspectos metodológicos, como também de seu valor potencial para os estudiosos. Assim, além da consciência dos requisitos especiais para as novas modalidades de armazenagem e dos usuais processos de conservação e reprografia, ele deve ter conhecimentos básicos de história administrativa da instituição geradora dos documentos e de seu método histórico, e ainda dos novos interesses e das técnicas de pesquisa. Além disso, esses tópicos devem ser objeto de estudo não apenas no início do curso de formação do arquivista, como também

ao longo de toda a sua carreira. É importante que sejam considerados a literatura profissional e os programas das associações arquivísticas, sem falar nos cursos formais de pós-graduação³⁵.

Considerações finais sobre os tradicionais usos acadêmicos dos arquivos

Embora esta apresentação tenha tratado prioritariamente das novas abordagens à história e de seu impacto sobre o arquivista, não se deve esquecer as tradicionais, uma vez que ainda existem estudiosos que procuram explicar as ações do governo central, entender as complexas relações diplomáticas, ou traçar a evolução dos princípios jurídicos, e se interessam por períodos diferentes daqueles dos séculos XIX e XX. É importante, portanto, que o arquivista não se absorva tanto com os novos usuários, que chegue a negligenciar os do passado, os quais poderão retornar como principais usuários, no caso de a atual prática mudar.

Recursos e prioridades

A expansão, tanto quantitativa quanto qualitativa da utilização acadêmica dos arquivos nos últimos anos, e seu impacto sobre numerosas áreas do trabalho arquivístico colocou os diretores destas instituições frente a inúmeras questões de difícil resposta quanto ao dimensionamento de suas necessidades de recursos e à sua locação pelos diversos ramos da atividade arquivística. Que peso deve ser dado ao volume da utilização acadêmica, se comparada a outros usos e fatores, tais como a quantidade de acervos arquivísticos e de sua taxa de crescimento, para a determinação dos níveis orçamentários e de pessoal? Como deverão os recursos disponíveis ser divididos entre um programa de publicações convencionais e o desenvolvimento de um serviço de reprografia? Qual deve ser a alocação relativa de recursos para o trabalho sobre os documentos medievais, modernos e contemporâneos? No trabalho sobre os documentos contemporâneos, quais as prioridades relativas dadas aos guias e a outras publicações similares, para a melhoria dos instrumentos de pesquisa, dos arquivos destinados a máquinas leitoras e dos programas de história oral? Quais as implicações financeiras da amostragem frente àquelas de preservar maiores quantidades de dossiês durante um período limitado de tempo e em armazenagem volumosa?

35. Para novas reformulações das duas abordagens à formação arquivística, ver F. B. Evans, 'Post-appointment archival training', e H. A. Taylor, 'The discipline of history and the education of the archivist', em *American archivist*, 40:57-74, 595-602, 1977. Ver também M. Cook, 'Professional training: international perspectives', em *Archivaria*, 7:28-40, winter 1978, e 'Professional training of archivists: problems of modernisation and harmonisation', em *Unesco journal of information science, librarianship and archives administration*, 2(3):150-158, jul.-set. 1980; D. M. Smith, 'The archivist's personal involvement in historical research', em *Archives*, 12:167-169, 1975-1976.

Este ensaio não dá resposta a essa e a outras questões concernentes à alocação de recursos, que podem variar de acordo com as circunstâncias individuais. Seu propósito foi estimular a discussão de tais questões e o intercâmbio de idéias e experiências relacionadas com sua solução.

TABELA 1
O estudo acadêmico da história

	1961	1966	1971	1976
Professores de história do Reino Unido ³⁶	837	1.224	1.605	1.892
Alunos da Royal Historical Society ³⁷	752	817	1.095	1.200
Teses de história no Reino Unido ³⁸				
Em andamento	1.285	1.733	2.517	3.251
Concluídas	188	245	270	357
Registros no <i>Historical abstracts</i>				
Antes de 1914	2.770	3.510	6.406	9.094
Depois de 1914			3.103	4.994

36. *Teachers of history in the Universities of the United Kingdom* (Londres, Institute of Historical Research), anuário.

37. The Royal Historical Society, 'Report of council', em *Transactions of the Royal Historical Society* (Londres), anuário.

38. *Historical research for university degrees in the United Kingdom* (Londres, Institute of Historical Research), anual.

TABELA 2

Algumas estatísticas comparativas do uso dos arquivos

A. 1962 e 1972

	1962	1972	Aumento percentual
Canadá: Public Archives³⁹			
Leitores	774	3.476	349
Pesquisas	2.123	8.182	385
Índia: National Archives⁴⁰			
Leitores	134	926	591
Malásia: National Archives⁴¹			
Leitores	30	574	1.813
Visitas	87	1.579	1.715
Espanha: Archivos Españoles⁴²			
Leitores	1.167	4.000	243
	(ao longo de 14 anos)		
Reino Unido: Public Record Office⁴³			
Leitores	3.265	12.059	269
Visitas	37.000	97.000	162
Documentos consultados	125.200	366.200	192

39. Public Archives of Canada, *Report 1972-1973*, p. 16; *Report 1976-1977*, p. 22; *Statistics of research at Public Archives of Canada* (mar. 1978), tabelas 3-4.

40. *Annual report of the National Archives of India 1962*, pp. 14-19; *Bulletin of research theses and dissertations*, 6 (1969-1971), 7 (1972-1975), 8 (1974-1975). Os dados estatísticos apresentados para 1972 são a metade daqueles para os anos de 1972-1973.

41. Informações fornecidas pelo Arquivo Nacional da Malásia.

42. *Guía de investigadores en los Archivos Españoles, año 1974*, p. 10; *Año 1975*, vol. 1, tabela 3. As datas para as estatísticas espanholas são: 1960, 1974 e 1975.

43. *Report of the keeper of public records on the work of the Public Record Office* (Londres), anual; e informações internas.

B. 1972 e 1976

	1972	1976	Aumento percentual
<i>Bélgica: Archives Générales du Royaume et Archives de l'Etat</i> ⁴⁴			
Leitores	7.371	9.270	26
Visitas	43.544	53.716	23
Documentos consultados	228.421	310.688	23
<i>Canadá: Public Archives</i> ⁴⁵			
Pesquisas	8.182	11.751	44
<i>Japão: National Archives</i> ⁴⁶			
Leitores	2.918	4.814	65
		(ao longo de três anos)	
Documentos consultados (média mensal)	223	401	80
<i>Malásia: National Archives</i> ⁴⁷			
Leitores	574	531	-7
Visitas	1.579	2.474	57
<i>Espanha: Archivos Españoles</i> ⁴⁸			
Leitores	4.000	8.141	104
		(ao longo de um ano)	
<i>Reino Unido: Public Record Office</i> ⁴⁹			
Leitores	12.059	9.837	-18
Visitas	97.000	89.300	-8
Documentos consultados	366.200	320.900	-12
<i>EUA: National Archives</i> ⁵⁰			
Leitores	10.956	20.029	83
Visitas	44.794	74.943	51

44. *Rapport annuel des Archives Générales du Royaume et Archives de l'Etat.*

45. Ver nota 39.

46. Informações fornecidas pelo Arquivo Nacional do Japão. Os primeiros números disponíveis referem-se a 1973.

47. Ver nota 41.

48. Ver nota 42.

49. Ver nota 43.

50. National Archives and Records Service. *A study of users of the records of the National Archives* (out. 1976), números 1, 5, 5-7.

TABELA 3

Algumas estatísticas do uso acadêmico dos arquivos

Bélgica: Archives Générales du Royaume et Archives de l'Etat⁵¹

a) Número de leitores acadêmicos

	Historiadores	Outros	Total
1970	1.990	357	2.347
1976	2.761	806	3.567
Crescimento em 1970-1976	39%	121%	52%

b) Leitores acadêmicos como percentual de todos os leitores

	Historiadores	Outros	Leitores acadêmicos
1970	34,6	6,2	40,8
1971	30,3	7,4	37,7
1972	29,0	7,2	36,2
1973	27,9	3,0	30,9
1974	27,4	13,0	40,4
1975	25,3	8,9	34,2
1976	29,8	8,7	38,5

Canadá: Public Archives⁵²

Pesquisas históricas	Número	Percentual de pesquisas
1973-1974	2.600	42
1974-1975	2.455	42
1975-1976	2.795	38
1976-1977	3.138	27
Crescimento em 1973-1977	71%	

51. Ver nota 44.

52. Ver nota 39.

*Japão: National Archives*⁵³

Pesquisadores acadêmicos	Número	Porcentagem sobre todos os pesquisadores
1973	1.910	65
1974	2.479	67
1975	3.220	71
1976	3.562	74
1977	4.026	74
Crescimento em 1973-1977	111%	

*Espanha: Archivos Españoles*⁵⁴

Pesquisadores acadêmicos	Número	Porcentagem sobre todos os pesquisadores
1957	852	75
1958-1959	1.493	79
1960	1.015	87
1974	3.585	90
1975	7.302	90
Crescimento em 1957-1975	757%	

*Reino Unido: Public Record Office*⁵⁵

Carteiras de leitores emitidas para estudo de 'temas acadêmicos'

	Número	Percentual sobre a emissão de todas as carteiras de leitores
1962-1964 (3 anos)	3.724	57
1977-1978 (1 ano)	8.160	48
Crescimento em 1962-1978	558%	

53. Ver nota 46.

54. Ver nota 42.

55. Ver nota 43.

EUA: National Archives, Divisão Central de Referência⁵⁶

Áreas de interesse primário de pesquisa de não-genealogistas
(percentagem de emissão de carteiras de leitores)

	História	Governo	Sociologia	Economia	Percentagem de não-genealogistas sobre todas as pesquisas
1972	82	14	3	1	47
1973	80	13	3	4	49
1974	82	9	4	6	45
1975	80	13	2	4	47
1976	79	13	4	4	43

TABELA 4

Alguns dados estatísticos dos campos de interesse
dos usuários acadêmicos dos arquivos
(percentagens do uso acadêmico)

Canadá: Public Archives, 1977⁵⁷

Político	26,0
Militar	8,9
Econômico	12,9
Científico	3,0
Social	31,8
Intelectual	6,7
Religioso	1,8
Biográfico	8,9

Espanha: Archivos Españoles⁵⁸

	1957	1958-1959	1960	1974	1975
Ciências históricas auxiliares	3,3	3,5	7,2	7,0	5,6
História espanhola	13,3	9,9	6,9	4,5	5,6
História local	9,6	11,9	9,8	12,9	19,2
História americana	26,5	13,4	22,7	11,3	9,6
Outras histórias estrangeiras	4,1	2,1	9,5	2,2	2,3
Biografia	17,0	12,4	11,4	8,7	7,4
Geografia	—	2,6	0,8	1,0	1,1
História naval e militar	—	—	1,3	1,5	1,5
História econômica e social	7,0	8,5	9,7	20,8	18,8
História do direito	1,2	2,6	2,2	5,6	3,5
História eclesiástica	11,5	22,0	8,5	7,1	8,1
História da arte	2,4	4,0	4,5	8,9	11,0
História das idéias	4,1	7,3	5,8	8,7	6,4

56. Ver nota 50.

57. Ver nota 39.

58. Ver nota 42.

Reino Unido: Public Record Office⁵⁹

	1962-1964	1966-1968	1969-1971	1977-1978
Assuntos do Reino Unido				
História política e administrativa	13,8	15,8	9,8	8,1
História eclesiástica	4,4	3,6	1,6	1,0
História económica e social	13,8	14,7	18,9	21,8
História do direito	2,4	1,8	2,0	3,2
História militar e naval	8,2	8,5	8,8	19,6
Literatura e arte	3,7	3,1	2,5	4,2
História local	15,0	12,6	12,0	19,9
Biografia	5,8	6,5	6,2	4,7
Assuntos de além-mar	38,0	33,6	38,4	24,8
História colonial	16,6	13,9	12,9	10,5
EUA	1,9	2,0	3,5	3,2
Europa	8,1	9,9	12,4	6,6
Outros lugares	0,4	7,7	9,7	12,7

TABELA 5

Alguns dados estatísticos sobre os períodos de interesse dos usuários de arquivos (percentagens)

Canadá: Public Archives, 1977⁶⁰

Antes de 1763	3,6	}	7,4
1763-1791	3,8		
1791-1840	11,4		
1840-1867	13,5	}	40,0
1867-1900	15,1		
1900-1935	17,9	}	31,1
1935 em diante	13,2		
Períodos não especificados ou todos os períodos	21,5		

Índia: National Archives⁶¹

	1969-1971		1974-1975	
Antes de 1800	11,5		9,0	
1800-1850	9,5	}	7,6	}
1850-1900	24,7		34,2	
1900-1948	42,9	}	48,8	}
De 1948 em diante	11,4		54,3	

59. Ver nota 43.

60. Ver nota 39.

61. Ver nota 40.

Reino Unido: Public Record Office⁶²

	1962-1964	1966-1968	1969-1971	1977-1978
Idade Média	10,1	9,4	7,3	6,6
Século XVI	8,2	6,8	6,2	6,6
Século XVII	10,6	9,5	8,1	10,5
Século XVIII	15,6	12,8	13,0	11,3
Século XIX	43,2	34,7	30,2	34,6
Século XX	12,4	26,8	35,3	57,9

Agradecimentos

Agradeço aos arquivos nacionais acima citados pelo fornecimento dos dados estatísticos, em resposta aos questionários que lhes foram enviados. Alguns dados foram trabalhados para a obtenção de uma melhor base comparativa. Aceito a responsabilidade por quaisquer erros decorrentes deste tratamento. Agradeço, ainda, aos arquivos nacionais da Holanda, Suécia e URSS pelas informações que, mesmo não podendo ser incluídas nas tabelas, foram de grande valor para a elaboração deste ensaio.

Abstract

This article reports the impacts caused by the expansion of History and academic research on archives and the archivists' methods of work in Western Europe and North America, originated by the new approaches of History and the affirmation of interdisciplinarity.

The new historians diversity of interests and the development of new technologies in records reproduction demanded the archivists new postures regarding the tasks of arrangement and implementation of modern research instruments. The author's report in an advice to professionals of the countries that haven't passed through this process yet.

Résumé

Cet article relate les impacts provoqués par le développement de l'histoire et de la recherche académique sur les archives et les méthodes de travail des archivistes de l'Europe Occidentale et de l'Amérique du Nord découlant de nouvelles façons d'aborder l'histoire et de l'affirmation de l'interdisciplinarité.

La diversification des intérêts de nouveaux historiens et la découverte de nouvelles technologies de reproduction de documents impliquèrent pour les archivistes de nouvelles postures en ce qui concerne la manipulation des documents dans la mesure d'organiser de nouveaux instruments de recherche plus modernes. Le rapport de l'auteur est un conseil aux professionnels des pays qui ne sont pas encore passés par ce procédé.

62. Ver nota 43.